



Director literario:

Arquibuteo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

JOANINHA

POR MARIA BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA



Os avós chegavam da
provincia. Joanhina
fôra à estação espe-
rá-los.

Como havia já pas-
sado um longo ano,
dêsde o seu último
encontro?! Não o sa-
beria explicar.

Com três anos ir-
requietos, Joanhina
chegada do comboio.

o avô tenta beijá-la, sempre a mesma re-
pulsão.

Todavia ao colo da avó, Joanhina não se
cança de lhe prodigalizar carinhos.

Certa noite ao deitar, Joanhina pergunta
contristada à mãe:

— Quando a mãezinha era pequenina, já
o seu Pai usava aquelas barbas que tanto
arranham a nossa carinha?

— «Já sim, meu amor, usou-as sempre desde
que é homem.

Joanhina abraça efusivamente a Mãe.

— Coitadinha da
mãe. Que tristeza ter
um Paisinho homem!
Ainda bem que o
meu é um menino-
crescido.

Todos riram imen-
so.

O avô, pondo de
parte motejos futuros
dos seus amigos da
aldeia, num gesto he-
roico de sacrificio,
cortou as barbas.

Joanhina exultou:

— «Não foges mais
do colo do Avô, meu
amor?»

— «Agora não! Até
que emfim que és

Impacientava-se pela
Certamente trariam
Inúmeros presentes.

A avózinha sabia
fazer bolos deliciosos,
alguns recheiadinhos
de amêndoa que eram
uma maravilha!

Que bom! Joanhina
iria, agora gosar, de
todas as mimalhices.

Surge o expresso.
Os avós, estrei-
tam-na em saudosos
abraços e beijos.

A linda avózinha
a-pesar-dos seus ca-
belos grisalhos, en-
ternece-se à vista da
«sua menina».

O avô espadaúdo,
de rijas barbas crespas, beija novamente o
diabrete. Mas Joanhina defende-se...

— «Não gostas do avô, Joanhina?»

Não responde. Porém todas as vezes que

um menino-velho!

E cobriu-lhe as faces lisas, de muitos beijos.

(Do livro em preparação «Crianças Modernas»)

■■■ ■■■ F I M ■■■ ■■■



A caminho do Calvário



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de EDUARDO MALTA

SEXTA FEIRA... Parascève...
dia da Preparação!
Cessam fadigas em breve,
contra a sentença de Adão,

Para o fogo preparados,
os cordeirinhos pelados,
esquartejados
estão;

o vinho já nos pichéis;
no forno os belos pastéis
e nas maceiras o pão,

Pela beira dos caminhos,
chilreiam, alegremente,
os passarinhos,

Passa gente, gente lesta,
muita gente
para a festa,
a grande festa sagrada,

Dia de Abril, dia lindo!...

Súbito, a meio da estrada,
contornando um logarejo,
surge um cortejo,
uma leva
de condenados à Morte,
que, num trágico recorte,
a pouco e pouco se eleva,
alta montanha subindo,

Partem, de todos os lados,
dezenas de exclamações:
—«Olhai... Jesus e os ladrões
que vão ser crucificados!»

—«Olhai, olhai... E' Jesus,
é Jesus — Rei dos Judeus —
que se diz Filho de Deus
mas vai arrastando a Cruz!»

—«Olhai, olhai...
como vai...»

*e como sedento segue!
Dêem água com vinagre,
ao que fez tanto milagre
mas salvar-se não consegue!*

Um chuveiro de ironias,
em seu constante gracejo,
continuamente prossegue
sobre a frente do Messias
que, por supremo motejo,
leva uma c'roa de espinhos,

Continuam chilreando,
quando em quando
os passarinhos;
num quintal do logarejo,
eleva seu canto um galo!...

Vai à frente do cortejo
o Centurião a cavalo,
Entre os soldados
armados,
os dois ladrões e Jesus
arrastando, cada um déles,
sua Cruz,
Vão seguidos,
perseguidos
pela malta,
corja reles,
que vituperava em voz alta:

—«Olhai, olhai... é Jesus,
é Jesus — Rei dos Judeus,

*que se diz Filho de Deus
mas vai arrastando a Cruz!»*

Açoitado,
vergastado,
corpo a sangrar, indefeso,
e doce olhar menineiro,
vai Jesus
sofrendo tudo,
impassível, sempre mudo,
resignado
e ajojado,
sob o pêso
dum madeiro
transformado
numa cruz,

Mas ai,
o peso é tão grande
que Jesús, súbito cai,
já sem força, inanimado,
por entre o ódio assolado,
da turba que o acompanha
e que entre chufas expande
seu rancôr e feroz sanha:

—«Vais a fingir que não podes?!
ninguém crê! E' manha, é manha!
Hás-de subir a montanha,
ó Rei que te imaginavàs
mais do que César e Herodes,
cujo poder invejavas!»

O centurião, todavia,
faz seu cavalo estacar
e ao constatar
que Jesus
já não podia
agüentar
por mais tempo a grande cruz,
chama Simão — (homem forte,
que entre os curiosos olhava,
condóido, a triste sorte
dêsse infeliz,
cuja morte
por um trís
se antecipava) —
e ordena:

—«Se estás com pena,
pega tu na Cruz e vem...»
Então
Simão
obedece
e, embora um pouco surpreso,
até contente parece
por livrar do grande pêso
o Filho da Virgem Mãe!

Solução dos problemas anteriores

Da adivinha

1—Bolo—2—Nulo—3—Mulo—4—Belo—5—Colo
6—Fulo—7—Falo—8—Galo—9—Ralo.

Palavras cruzadas



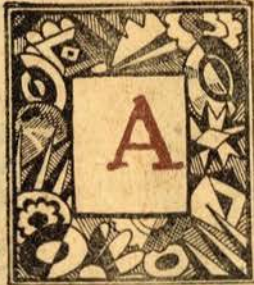
*ins. Heloisa
Coutinho*

F I M

ARTUR FINO

Por VASCO A. ROCHA

Desenhos de EDUARDO MALTA



I
O longe, para os lados duma aldeola branca, nas selvas misteriosas que a circundavam, por completo, desapareceram cinco rapazes.

Chegados, havia pouco, de Portugal, iam procurar já, ansiosamente, famosas aventuras, nas vegetações virgens, luxuriantes, de Moçambique — a nossa colónia africana tam rica e tam

invejada pelos estrangeiros.

Esses cinco caçadores, que desapareceram para os lados da aldeola branca, apenas, cada um, armados duma carabina e duma faca de mato, são portugueses que, não ultrapassando os 19 anos de idade, parecem pisar o traçoeiro solo africano com uma placidez desconcertante, com o mesmo desvanecimento que qualquer transeunte usa, passeando na movimentada

avenida duma grande capital — o que denotava a mais completa ignorância da viagem que se haviam proposto realizar.

Hã que desculpá-los, afinal: Artur Fino, Carlos Mendes, Albano Pinheiro, Alvaro Sousa e o pequeno Aurélio são portugueses, e este facto é a suficiente justificação das suas ousadias.

Quérem abater leões, derrubar elefantes, combater canibais? Talvez.

Mas confessemos que o que êles precisavam era duma pequena lição, porque jãmais um valente caçador de feras se aventurou por aquelas regiões, sem levar, na sua companhia, um grande número de prêtos ficis — guias preciosísimos, profundos conhecedores das florestas em que viram, pelo primeira vez, a luz do dia.

II

Artur Fino, o mais forte, era o chefe da expedição; Carlos Mendes, que vinha logo a seguir, tinha medo dos macacos; Albano Pinheiro jurava, a cada passo, que preferia lutar com um leopardo do que vêr próximo de si uma cobra enroscada; Alvaro Sousa, que ainda não perdera a mania do cinema, di-





zia, muito sério, que era capaz de interpretar um grandioso filme de aventuras, tendo por cenários as paisagens pesadas, sufocantes, enigmáticas, daquela região tropical; e, finalmente, Augusto Aurélio, o mais pequeno, divertia-se a pregar partidas aos seus companheiros, que as desculpavam pacientemente, ajuando, apenas, quando o intitulavam de «o miúdo com calças de homem».

Os audaciosos exploradores caminhavam penosamente através duma atmosfera asfíxica.

Durante o caminho, Artur Fino matou, com um tiro certo, uma ave enorme, o que causou imensa alegria entre os seus amigos, porque a sua carne era bastante apreciada, Carlos Mendes, que, para se mostrar valentão, se adiantava muito dos seus companheiros, veio, uma vez, a fugir vertiginosamente dum pequeno macaco, jurando que não tornava a repetir a proeza. Albano Pinheiro ia desmaiando de susto por chegar quasi com a face esquerda a um lagarto esquisito. Alvaro Sousa, afirmava que, entre todos os presentes, só ele reunia as mais apreciáveis qualidades para fazer de protagonista dum filme de trezentos episódios. Aurélio, que tinha feito esforços desesperados para matar a tiro um passarito que parecia escarnecê-lo, seguindo-o obstinadamente de árvore em árvore, vendo a inutilidade desses esforços, disse a Artur que assasse o passarão, que abatera, havia horas, porque tinha fome.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Assaram a ave, comeram-na alegremente, e, avivando a fogueira, por causa das feras — era já noite — deitaram-se, muito chegados uns aos outros, e pegaram imediatamente no sono.

Artur Fino, porém, ficou velando os camaradas, tendo de ser rendido, daí a duas horas, como é de costume, por qualquer dos dorminhocos.

III

A trezentos passos, se tanto, dos rapazes, perto dum lagozinho de águas puras, cristalinas, ouvem-se subitamente os uivos prolongados dum chacal.

Artur Fino está irritado. Incomoda-o a presença dessa fera que, aliás, não é das mais terríveis. Inva-de-o uma resolução firme. Aviva as chamas da fogueira, apronta a carabina, levanta-se e, pouco a pouco, aproxima-se do animal que, presentindo algum perigo, respira atentamente a atmosfera, e, à luz sinistra do luar, vê-se muito encolhido, notando-se nos seus movimentos inquietos o propósito de formar um salto — um daqueles saltos que têm vítima dos mais experimentados batedores das florestas.

Artur Fino, porém, faz pontaria à vontade, sem que a traçoira fera o descortine através das árvores seculares.

Souu uma detonação. O chacal, mal ferido, correu, uivando de dor, por entre a vegetação sem fim. E os seus uivos foram perder-se ao longe, para os lados duma montanha que brilhava sinistramente aos raios puros do luar...

IV

— «Decididamente, os meus camaradas gostam de assustar-me. Deixei-os dormindo pesadamente, para... Meu Deus!... Que ouço eu?... gritos, súplicas... a voz do Aurélio... Pobre criança! Pobres camaradas!...

Artur Fino olhou à sua volta. Soltou uma exclamação abafada. Compreendeu tudo...

Estava cercado de pretos, armados de lanças, semi-nús, que o miravam ferozmente.

Imediatamente, o rapaz reconheceu, no mais agigantado e altivo, o chefe dos selvagens.



Artur Fino, que aprendera sem custo, a língua deles, perguntou-lhes:

— Grande chefe! Eu, como vês, sou branco, mas gosto dos da tua raça. E, como eu, todos os brancos, meus camaradas, que fizeste raptar ainda agora e que, nobre chefe, não merecem da tua parte tal ofensa,

— Embora — respondeu o selvagem, cruzando os braços e sorrindo maliciosamente — embora! Sou inimigo da tua raça, porque é a carne dum branco a mais cara e saborosa da nossa aldeia, compreendes?

— São antropófagos! — murmurou o pobre rapaz, palidíssimo — Estamos perdidos!...

E mais alto:

— Grande chefe: se assim procederes, seremos bem vingados pelos nossos compatriotas, que nos virão, decerto, procurar, compreendeste também?

— Oh! oh! Não tenho medo!...

O canibal a acabar de pronunciar estas palavras e a ouvir-se um rugido espantoso.

Os antropófagos, saltando gritos angustiosos, desapareceram como se levassem no corpo todos os diabos do inferno, saltando exclamações em todos os tons aflitivos:

— «O leão voltou! Que o deus do fogo nos proteja! Oh! O leão voltou!»

Sim, um leão enorme, correu corajosamente para Artur Fino, e, a meia dúzia de passos do rapaz sentou-se sobre as patas trazeiras, lambendo o focinho com a língua sangüínea.

V

Eu suponho que nenhum dos leitores desejaria deparar com uma situação tam crítica como aquela em que se achava envolvido Artur Fino.

O infeliz explorador tinha forçosamente, que servir de alimento ou aos selvagens ou ao leão.

Preferiu sucumbir nas garras da fera. Invadi-o, então, uma serenidade espantosa. Começar a passear despreocupadamente pela frente do leão, que espiava atentamente todos os seus movimentos.

— Oh! Que o deus do fogo vos proteja! — continuavam a dizer, aterrados, na aldeia, os antropófagos.

Artur Fino achou graça à sua situação. Soltou uma estrepitosa gargalhada. Respondeu-lhe um surdo rugido da fera.

— «Deus do fogo! O leão voltou à aldeia para fazer vítimas sem conta! Oh! Protege-nos!...

— «Maroto!» — murmurou Artur Fino, irritado pela cobardia dos selvagens.

— «Tu, o rei dos animais, tens medo de atacarmos? Espera lá, meu valente, espera lá!»

Apontou a carabina ao leão e disparou, ao mesmo tempo que a fera formava um salto terrível. Agil e forte, o rapaz pôde esquivar-se das garras do mais forte animal que, ao cair, soltou um rugido enorme, ficando inanimado, perto das cinzas da fogueira.

— Oh, deus do fogo, protege-nos, que vamos todos sucumbir!...

— Pois eu teria o arrojo de matar o leão? monologava Artur Fino. — Sim, senhor, decididamente, estou com sorte. Com sorte?! Escapei às fauces sangrentas da fera, mas irei, talvez, para as mandíbulas famintas dos canibais. Pois preferia o primeiro género de morte, muito mais glorioso, sem dúvida, para a minha pessoa. E por duas razões: — por ser repugnantíssimo servir de alimento aos pretos; a segunda, porque fui toda a vida admirador fervoroso do «Sporting» Club de Portugal e, portanto, um «leão» entusiasta!

— «O deus do fogo seja louvado! O leão está morto!» — gritou com toda a força dos pulmões um selvagem que, mais atrevido que os outros, foi verificar se a fera já se tinha sumido dos arredores.

Uma tempestade de aplausos reboou pela floresta! Era uma atordoadora homenagem ao deus libertador.

Todos os selvagens vieram rodear o leão e Artur Fino, dansando, como doidos à sua volta.

De repente, a um sinal do chefe, fez-se um pesado silêncio.

— «Oh, tu, branco, (inquiriu êle, estupefacto.) como pudeste escapar às garras destruidoras do rei dos animais!»

O bravo rapaz que assistia, fleugmaticamente, a esta scena hilarante e fantástica, reflectiu uns instantes, ao fim dos quais a sua fisionomia se iluminou, respondendo desta maneira às palavras do chefe gigante:

— «Curva-te na minha presença, servo vil! que estás ante o teu deus! o deus mais poderoso do Universo! o deus do fogo!»

O selvagem recuou dois passos, deixando que se

reflectisse nas suas feições um assombro ao mesmo tempo cómico e verdadeiro,

— «Pois tu és o nosso deus!? Oh! Prova-mo, prova-mo e eu e os meus subordinados te adoraremos submissamente!»

— «Pois bem: que um desses teus subordinados se adiante!» — respondeu Artur Fino, com o olhar chamejante.

Um selvagem hercúleo, magnífico, deu um passo em frente, levantando vaidosamente a sua cabeça enorme e enfeitada pelas mais bizarras penas de muitas aves de toda a região.

Artur Fino carregou a carabina, apontou-a à sua vítima, e disparou.

Um rápido clarão iluminou as fisionomias dos antropófagos e uma detonação seca ecoou vertiginosamente pela floresta.

O selvagem gigante cambaleou e caiu, por fim, de bruços, banhado em sangue.

Oitocentos indígenas arrojaram-se aos pés de Artur Fino, exclamando, por entre gritos agudos:

— «Sim; és tu o nosso deus! Das tuas mãos sai o fogo e a morte!»

— «Só uma cousa me espanta — (disse, humildemente, o chefe.) — Porque és branco? O nosso deus, assim o julgávamos, teria sido sempre da nossa cor».

— «Es um imbecil! Não sabes que nos meus domínios de chamas possuo muitas latinhas com graxa que me transformam, quando quero num homem preto?»

— «Que vem a ser isso de graxa, meu senhor?»

— «E um medicamento divino que os meus sapateiros usam para polir as botas.»

t — «Sapateiros são anjos do fogo?»

— «São sim, meu pateta.»

— «Dizei-me, senhor, o que são as botas?»

— «São armas terríveis que eu e os de minha raça usamos com uma perfeição extraordinária!»

— «Sim, meu senhor, eu compreendo.»

— «Agora, imbecil, conduz-me à tua aldeia, porque tenho necessidade de descansar!»

E Artur Fino foi levado, com o mais sagrado respeito, para a melhor cabana da povoação dos canibais.

O esperto rapaz, agora crismado em «o deus do fogo» ia deitar-se numa pequena cama de palha, quando soltou um grito de espanto.

A seus pés, encontrava-se acocorada, uma jovem selvagem, que o fitava com a mesma humildade com que um cão fita o seu dono.

— «O que queres daqui?» — perguntou-lhe Artur Fino.

— «Venho velar o teu sono, meu senhor!» respondeu, com voz cristalina, a linda canibal.

— «Quem te mandou?»

— «Meu pai, o chefe da aldeia.»

— «Podes ir-te embora, se quizeres.»

— «Não, meu senhor, ficarei a velar o teu sono.»

— «Bem, como te chamas?»

— «Dadi.»

— «É um nome tam bonito como tu.»

A formosa selvagem, olhou, perturbada, para o chão.

— «Agora, pequena, vais dizer-me onde estão os brancos que teu pai aprisionou perto da fogueira.»

— «Estão guardados na casa da Morte para amanhã servirem de banquete, oferecido em tua honra.»

— «Gostas de carne humana?»

— «Oh, não, meu senhor, que horror!»

— «Es bonita, inteligente e meiga, pequena. Ainda cá; merces que o teu deus beije a tua fronte pura!»

O sol não tardou a tingir de vermelho a floresta.

Aos rugidos arrepiantes das feras, sucedeu-se o trinado delicioso dos passarinhos.

Há duas fases interessantes numa floresta virgem: ao anoitecer, a região movimenta-se, ouvem-se por toda a parte ruídos estranhos, rugidos fortísimos de animais famintos. Surge a aurora: as feras entram nos seus covis, e a floresta parece despertar dum pesadelo, sacudindo-se preguiçosamente, aparando carinhosamente nos galhos das suas árvores ciclópicas, milhares de irriquietaes aves, de todas as variedades, que fazem repercutir pela floresta misteriosa



P
A
R
A
C
O
L
O
R
I
R



uma confusão enternecedora de gorgeios que constituem, sem dúvida, um delicado hino ao raiar do dia.

Artur Fino acordou e sentiu-se comovido. A seus pés, vencida pelo sono, dormia ainda a jovem canibal.

Não quiz despertá-la, e, um tanto inquieto, saiu da cabana.

A aldeia já estava a pé. Os pretos, porém, pareciam fantasmas, tal era a preocupação que tinham de não despertar o seu deus!

Ao vê-lo assomar à porta da cabana, ajoelharam-se, exclamando:

— «Salvé, deus do fogo!»

— «O vosso chefe? perguntou Artur.

— «Estou aqui, meu senhor.»

— «Vem cá, e responde-me imediatamente às minhas palavras: que fizeste dos brancos, meus companheiros, que são anjos da região do fogo e que fazem parte da minha guarda de honra?»

— «Oh, meu senhor, pois eles são anjos?»

— «São, sim. Liberta-os já, já, heia?!»

Correu, por todos os lábios, surdos e ameaçadores protestos.

— «Então, querem comê-los?»

— «Sim, queremos assá-los!»

— «Mas não quero eu!»

Via-se, nos olhos dos indígenas, a mais temível hostilidade. Era raro banquetear-se com a carne dum branco. Preferiam desobedecer ao seu deus do que renunciar ao seu horrível quinbão.

— «Vós sois os pretos mais estúpidos que eu tenho encontrado através das minhas peregrinações!»

— disse resolutamente, Artur Fino. — «Eu não quero que comeis os meus anjos. Mas, hoje, já, acompanhai-me numa viagem às terras dos brancos e dar-vos-hei milhares de víimas!»

— «Senhor, os brancos são poderosos!»

— «Patetas! Mas a minha arma sagrada lançar-lhes há o fogo exterminador! Andem, digam agora que não sou um deus magnânimo!»

— «Salvé, ó deus do fogo, salvé!»

E, com as lanças no ar, os selvagens aclamaram delirantemente o seu senhor!

Passados poucos momentos, Artur Fino abraçava os seus amigos, contando-lhes, em breves palavras, a astúcia que teve de empregar para salvar-se a si e a eles.

Carlos Mendes só sofrera o susto. Albano Pinheiro não descansou enquanto não tapou todos os buracos da casa da Morte, receioso de por eles penetrar qualquer reptil viscoso. Alvaro Sousa citou mais de setenta filmes de aventuras, nos quais, no decorrer dos seus episódios emocionantes, os seus heróis se encontravam nas mesmas circunstâncias do que eles, salvando-se sempre na jornada seguinte, mercê da heroicidade inaudita dum simpático e lial protagonista bem caracterizado. Aurélio zangou-se frequentemente, por lhe chamarem, com modos escarninhos, «o miúdo com calças de homem.»

E foi assim que, à frente duma multidão de pretos, aqueles destemidos rapazes se puzeram a caminho da cidade mais próxima, planeando uma bela partida aos canibais.

Depois duma longa caminhada, os nossos heróis entraram triunfantemente numa cidadezinha branca, situada à entrada da floresta.

E, enquanto os selvagens se preparavam para massacrar os brancos a um leve sinal do seu deus, este, muito sereno, contava toda a sua odisseia ao governador da cidade, um valente e honrado general português.

Os selvagens foram quasi todos passados pelas armas, excepto «Dadi», que foi salva milagrosamente por Artur Fino.